

You are welcome to cite this article, but please reference it appropriately – for instance in the following form:

PAULINO, Vicente (2011). “Cultura e Múltiplas identidades linguísticas em Timor-Leste”, in Correia, Ana Maria & Sousa, Ivo Carneiro de (org), *Lusofonia encruzilhadas culturais*, Macau: Saint Joseph Academic Press, pp.70-87.

**CULTURA E MÚTIPLAS
IDENTIDADES LINGUÍSTICA
EM TIMOR-LESTE**

VICENTE PAULINO

Universidade de Lisboa
Portugal & Timor-Leste

INTRODUÇÃO

A diversidade cultural é uma fonte de dinamismo social e económico que pode enriquecer a vida humana no século XXI, suscitando a criatividade e fomentando a inovação. A diversidade cultural na expressão linguística é por definição múltiplas identidades linguísticas, a que têm sido visto num determinado território.

No âmbito de comunicação e de afirmação identitária, a língua e a cultura são termos que se associam de um modo quase automático, estabelecendo um paradigma sólido e coeso. A língua é, antes de mais, um processo interlocutivo (Rodrigues 1999), onde a relação entre o sujeito do “eu” e do “outro” evolui em primeiro lugar na dialéctica da língua materna, depois alarga-se para as mais línguas como novos instrumentos em busca do conhecimento e de comunicação. A língua é o fundamento por excelência da comunicação humana, indispensável para a constituição de uma sociedade comunicativa e integradora. Como é óbvio, a importância da língua para o homem concretiza-se na sua capacidade de produzir o sentido das coisas através de uma série de discurso. O discurso pode então ser visto como dispositivo de constituição de sentido e das relações interlocutivas, visando não só a comunicação de ideias (a capacidade de discursar), pensamentos (a capacidade de pensar na ou pensar *em*) e sentimentos (a capacidade de exprimir o olhar ou o gesto), mas também a persuasão e o convencimento de interlocutores. Deste modo, a língua desempenha funções de significação, funções

expressivas, e está na origem da elaboração do sentido do mundo para o homem, porque o mundo é uma construção e o resultado da própria elaboração linguística do mundo (Rodrigues 1996:15). E, hoje, as novas redes planetárias de tecnologia de informação e comunicação colocam quase instantaneamente a sociedade actual na transformação técnica da experiência.

A língua é um elemento da cultura e, simultaneamente, é a expressão verbal da cultura. A cultura é a ideia de costume e as crenças de uma comunidade com uma língua distinta, que um indivíduo utiliza como meio de comunicação e utiliza-a ao mesmo tempo para identificar ou nomear o nome de coisas. Por exemplo, o próprio vocabulário relativo ao parentesco em Timor, lança mão de uma terminologia latina (pai, mãe, primo...) e às vezes germânica, (caso do vocábulo ‘irmão’)¹. Porém, seja qual for a relação de alteridade entre grupos diferenciados, terá que existir algo que faz com que uma sociedade (quer a sociedade tradicional quer a sociedade pós-tradicional) cumpra o seu dever e valorize a sua etnicidade diferenciada.

Outro exemplo, o latim não tem uma palavra amiga de um homem (a forma feminina do *amicus* é *amica*, o que significa amante, não é *amigo*); e, no caso dos esquimós, arrolam-se muitas palavras diferentes para a neve. Mesmo dentro de uma comunidade

¹ O mesmo acontece com vocábulos de outras áreas, nomeadamente das cibernéticas, ou até actividades.

linguística a codificação não é constante nem uniforme. No *Tétum* (língua nacional timorense), por exemplo, qualquer pessoa escreve segundo da sua compreensão dialéctica e semântica do som da respectiva língua. Tal facto nos indica que os recursos produtivos do sistema permitem aos membros do grupo aumentar a própria possibilidade de codificação naquilo que lhes interessa.

Ao propósito dos argumentos iniciais referidos neste pequeno introdutório, pretendo justificar que em Timor-Leste existem algumas características não muito diferentes dos restantes países onde o Português também é Língua Oficial, pois também apresenta uma enorme variedade de línguas em uso, o que explica o reduzido recurso ao uso do Português nos vários distritos do país. Em Timor-Leste, a Língua Portuguesa não foi uma língua de comunicação diária dos timorenses, nem língua de contacto entre os grupos linguísticos, o que é muito diferente com os PALOPS. Sendo assim, porque terá sido escolhido, para língua oficial, um idioma que a maior parte da população desconhece? E porque é que o *tétum* precisa português para sobreviver? Porque é que Timor tem-se justificado como Babel linguístico? Estas questões terão de ser respondidas ao longo deste trabalho.

LÍNGUA E CULTURA

Os estudos sobre a comunicação intercultural e a linguagem usada na Idade Média nos trazem algumas considerações sobre o

modo como as pessoas se podem entender umas às outras quando não possuem as mesmas experiências culturais. No entanto, aspectos relevantes de uma cultura podem facilitar o aprimoramento da competência intercultural de um falante. Para tal perspectiva, Milton Bennet em *Intercultural Communication: A Current Perspective* (1998) caracteriza dois tipos de cultura: a cultura objectiva e a cultura subjectiva. A cultura objectiva consiste nas manifestações produzidas pela sociedade, como literatura, música, ciência, arte, língua, enquanto estrutura, entre outras; seria o produto concreto criado pela sociedade; e a cultura subjectiva pode ser vista ou encontrada em manifestações abstractas, como valores, crenças e no uso da língua numa perspectiva de competência intercultural (ver também Crespi 1997:14), modelando as diferentes formas de comunicação.

É preciso, portanto, justificar que ao falarmos da relação de língua e cultura, não nos referimos meramente ao estudo da língua e sua evolução ou ao estudo de cultura, mas sim ao estudo globalizante como a filosofia, comunicação, sociologia, antropologia e até aos estudos de literatura. Embora no contexto linguístico haja uma diferença entre fazer afirmações histórica acerca da língua e sua evolução ou identidade linguística, que assumem um carácter pessoal e seleccionam elementos de forma arbitrária, como as que podem aparecer e apoiar a tese pré-estabelecida pelas ex-colónias na escolha da língua, dita oficial. Esta forma de afirmação arbitrária vem reforçar a história do passado com base numa teoria de favorecimento das ideias e dos patrimónios coloniais.

Se os homens de ciências sociais se entendem de forma a incorporar a língua e a cultura numa semântica de base social, então é normal que se possa considerar a estrutura social, a história e o desenvolvimento das ideias como partes essenciais da evolução do próprio ser humano. Isto é, a importância da história e da estrutura social de uma sociedade terão de ser compreendidas através do meio de comunicação (verbal ou não-verbal). No entanto, a partir da leitura da linguagem verbal e da não-verbal, constatamos que para falarmos e sermos compreendidos, ou seja, para interagirmos com outras pessoas por meio de palavras, precisamos ter domínio de uma língua. Pois daí que se cria um novo saber sobre a condição humana de certos grupos sociais (tradição e costume), o ambiente e a natureza em geral. Em contexto de aprendizagem ou enriquecimento do conhecimento, por exemplo, após de ter lido um romance ou um poema, o leitor sente ter adquirido conhecimentos que antes não possuía ou, como frequentemente acontece, ter abordado de uma forma nova sobre o que já tinha lido.

A língua é assim um veículo de acção social. E como tal, devemos levar em consideração que falar uma língua não se restringe ao vocabulário, é preciso ter domínio também da estrutura da língua e de sua cultura para não só construir adequadamente um enunciado, como também saber se comportar e depreender o sentido dos diversos actos de linguagem de uma determinada língua. Enfim, a linguagem é o centro dos homens – meio de comunicação e modo de estar no mundo. É *na* e *através* dela que há o entendimento ou não entre os homens. A fala é, portanto, uma prática social (Goffman

1980) porque é sempre endereçada ao outro com uma determinada intencionalidade, num espaço e num tempo. Assim, segundo este autor: “uma interacção será definida como a totalidade da interacção, seja qual for o seu momento, em que um determinado conjunto de indivíduo se encontra continuamente presentes uns aos outros” (Goffman 1993:26-54) na experiência da linguagem, visando o entendimento recíproco e mútuo da comunidade dos homens (Rodrigues 1996:19)

É necessário, primeiro, considerar algumas relações da fala enquanto actividade social num espaço e num tempo, por exemplo, desde princípio um indivíduo (timorense, africano, asiático) fala a sua própria língua materna de que o ambiente físico e social que o envolve desde criança. Este tipo de relação, segundo Edmund Leach (1964) aparece como algo de contínuo e não constituído por ‘coisas’ de sua natureza separada. Noutro exemplo, na cultura americana a interacção de uma pessoa é marcada por uma afectividade no tratamento interpessoal. De acordo com Stewart & Bennett (1991), os americanos são informais, espontâneos e usam sempre o mesmo tipo de tratamento com diferentes pessoas (sejam amigos, famílias ou até os desconhecidos); para eles, ser formal é cumprir as regras do protocolo, ou seja, fazer uso de complexos métodos de tratamentos e rituais que se encontram em outras culturas (africanas, timorenses, asiáticas, latinas).

Segundo Thompson, cultura é “o conjunto de crenças, costumes, ideias e valores, bem como dos artefactos, objectos e instrumentos materiais, que são adquiridos pelos indivíduos enquanto

membros de um grupo ou sociedade” (Thompson 1998:173). A partir dessa definição, podemos dizer que, por exemplo, um professor de línguas deve ter consciência de que, na sala de aula, é um representante da cultura de um povo. Pois no contexto de cultura e comunicação, o professor de línguas é um difusor de uma dada cultura, visto que a língua é um dos elementos culturais da sociedade. Portanto, a língua não está dissociada da cultura, ou seja, uma não existe sem a outra, não é mais importante, apenas se complementam.

Língua e cultura são fundamentalmente inseparáveis. Isto é, no nível mais básico, a língua é um método de expressar ideias e, simultaneamente, um processo interlocutivo. Ou seja, a língua é a comunicação, enquanto linguagem verbal, também pode ser visual (através de sinais e símbolos), ou semiótica (através de gestos com as mãos ou corpo). Cultura, por outro lado, é um conjunto específico de ideias, práticas, costumes e crenças que compõem uma sociedade distinta.

Sabendo que a língua organiza e articula a realidade de forma igual e diferente, dependendo do contexto geográfico que nela se encontra. Assim, cada língua analisa diferentemente as experiências não-linguísticas do mundo circundante: por exemplo, um indivíduo que aprende a língua e a cultura é simultaneamente está inserido num grupo social, conforme a hipótese do relativismo linguístico. Desta forma, o pensamento deste indivíduo reflecte na estrutura da linguagem, pelo qual o seu modo de pensar é essencialmente diferente de uma cultura para outra, e o que importante é adapta-la de forma gradual.

Cada língua corresponde a uma reorganização dos dados da experiência que lhe é sempre particular e será no caso da língua materna, as pessoas percebem que o determinado objecto tem seu próprio significado, pois este já é dado por um nome. Daí que eles receberão uma determinada visão de mundo que é, portanto, pré-determinada pela sua própria língua falada. O clássico ditado nos diz que existe uma diferença na nomeação do nome de cores em certos números que não ser o mesmo em todos os povos, isso leva-nos pensar até que ponto a concepção do mundo é condicionada pela língua. É no caso da língua nacional timorense “tétum”, por exemplo, nomeia basicamente cinco cores: *mean* (vermelho), *modok* (verde), *kinur* (amarelo), *mutin* (branco) e *metan* (preto) – as outras denominações são delas expansões, como *mean morek* (marrom), entretanto, o nome de outras cores é justificado pelas expressões portuguesas, como laranja, rosa, roxo etc.

Se o tétum não tem denominações das cores, porque é que a equipa do *Instituto Nacional de Linguística* não o enriqueça com o conjunto de denominações de cores de outras línguas locais (Mambae, Makasae, Fatuluku, Bunak e Kemak, inclusive o baikeno), que têm informações mais completas sobre tais denominações. Por exemplo, no Fatuluku: *Pitine* (branco), *lakuváre* (preto), *karase* (amarelo), *mimireke* (vermelho), *laturose* (roxo), *paiahasa* (cor-de-rosa), *u’ureke* (verde), *morokarasu* (laranja), *rakasana* (castanho), *vahuvahu* (cinzento). Outro exemplo, em *bunak*: *Belis* (branco), *bule’en* (vermelho), *koxo* (verde), *kinul* (amarelo), *guju* (preto), *já-kinul* (amarelhada), *já-bule’en* (vermelhada). Linguisticamente, no tétum

não existe a expressão equivalente “por favor”, no entanto para pôr tal expressão na construção do *tétum* padronizado, achamos que desnecessário ir buscar termos em português enquanto existem nas línguas locais: o fatuluku, por exemplo, “et mokorvan ira’unum aninatinilai” ou “favorunipo et ira’unum aninatinilai” (Por favor dê-me um pouco de água); no fatuluku de Fuiloro é “favor et ira’unum aninatinila”; no bunak é “Favol bo’on nege il dele man ná).

Atente-se que a pedagogia das línguas em geral e da língua materna em particular tem maior igualdade com outras línguas, ditas nacionais ou oficiais quando integra no seio uma teoria linguística alargada à pragmática, isto é, não separa os enunciados do seu quadro situacional e que considera a análise do comportamento verbal como inseparável a análise do comportamento em geral. A esta realidade, Fernanda Irene Fonseca, chega a afirmar que um dos aspectos mais marcantes de tal aplicação é a possibilidade de aprofundar o modo de conceber o alcance e os objectivos do ensino da língua materna, “muito mais do que o aperfeiçoamento de uma competência linguística, ele visa o desenvolvimento da competência comunicativa, entendida como capacidade de integração activa na praxis social” (Fonseca, 1994, p.107). Nesta perspectiva, a pedagogia da língua materna torna-se sinónimo de pedagogia discursiva e, simultaneamente, ocupa o lugar de actividade colectiva na produção de sentido e estabelece uma relação de complementaridade no sentido de apoiar o desenvolvimento de uma ou outra língua materna que são declaradas como língua oficial de um país. O simples exemplo, é o caso de Timor-Leste.

As relações de parentesco são exemplos recorrentes na análise dos campos semânticos das línguas, que na perspectiva da análise linguística ou semiótica oferecem uma comparação que vem justificar algumas denominações dadas ao termo de identificação, cujo exemplo “irmãos” em português. Os falantes do *tétum* e da língua indonésia justificam que a sua compreensão sobre a tal denominação seja diferente, pois sabendo que as línguas classificam o nome das coisas (corpo humano, plantas e etc.,) de maneira distinta a realidade. No entanto, tanto em *tétum* quanto em língua indonésia, as denominações “irmão” ou “irmã”, são expressões de naturais falantes da língua portuguesa que, por si só, comportam grande imprecisão.

É necessário, por isso, fazer uma explicitação adequada e mais precisa na abordagem do conteúdo. Jamais se diz em *tétum* (ou em língua indonésia), genericamente, “maun” (irmão mais velho) ou “mana” (irmã mais velha), “alin” (irmão mais novo): é preciso especificar o modo de tratamento, se refere o irmão mais velho então a melhor forma de dizer é “Maun bot”, em indonésia significa *kakak sulung* (*kakak sulung* – irmão mais velho, *kakak sulung* – irmã mais velha). O “alin” é pragmaticamente uma terminologia uniforme, isto é, denominado pelos conectores do género: masculino “alin mane” (irmão mais novo) e feminino “alin feto” (irmã mais nova). A “mana” é expressão derivada do português “irmã ou mana” e genericamente este modo de tratamento não é só utilizado pelos irmãos do mesmo sangue (do mesmo país), mas colectivizar-se na vivência social timorense, sendo não tenha relação de parentesco. Outro modo de

tratamento para referir a “irmã mais velha” é denominado por “bin”, este é mais restrito porque tem usado apenas entre os irmãos do mesmo sangue.

É este, de qualquer modo, o género de descrição ou de tratamento a que chegamos quando cuidadosamente atendemos à percepção de que os timorenses experienciam na sua vida quotidiana. Se o género de descrição ou de tratamento da pessoa – como é o caso “mana” ou “Bin” na língua tétum – na sua profundidade, é inteiramente participativa, porque foi determinada pela regra da pragmática linguística. Deste modo, a percepção de um indivíduo é grandemente determinada pela língua que esse indivíduo fala e em grande parte, está a seguir os hábitos linguísticos da sua comunidade. Isto nos ajuda para compreender a construção do discurso com certas interpretações.

Como corolário da reflexão aqui desenvolvida, sobre a língua e a cultura, vale a pena advogar que a língua pode evoluir sem uma ruptura com sua originalidade cultural. Certas línguas têm espaço para adaptações transculturais e comunicação, e não podem realmente ser parte de qualquer cultura. Além disso, muitas línguas são utilizadas por diferentes culturas, isto é, a mesma linguagem pode ser usada em várias culturas, é como o caso da língua portuguesa onde se exerce a função como língua oficial da CPLP (Brasil, Portugal, Angola, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Guiné Bissau e Timor-Leste).

MÚLTIPLAS IDENTIDADES LINGUÍSTICAS

“Timor é um país plurilingue onde coexistem várias línguas locais, de origem austronésia e papua, com o português durante quatro séculos da administração colonial portuguesa e o bahasa indonésia durante vinte e quatro anos de ocupação indonésia (Costa 2001:59).

A partir do momento em que o homem coloca a língua e a cultura em proveito de interacção social, ocorre sempre numa posição de interacção verbal, que por sua vez é o lugar de actividade colectiva de produção de sentido, que aliás, em certos pontos, implica também o sistema de negociações explícitas ou implícitas da interacção (Kerbrat-Orecchioni 1990). Por isso, o homem na sua integração social enquanto emissor e destinatário deve partilhar os códigos e negocia os sentidos e posições. Assumindo, assim, a sua posição como negociador de sentidos para pôr a dimensão técnica da linguagem em acção, porque ela é um dispositivo por excelência da comunicação humana. Isso significa que toda a actividade humana é regulada pela linguagem e, simultaneamente, mediada pelo *agir comunicativo* (Habermas 1987).

Outra questão a ser ressaltada é, por exemplo, ao aprender a língua materna, o homem assimilará as características pertinentes à sua região natal, Os factores como a região, o tempo e o grupo social,

são caracterizadores da existência de variedades linguísticas. Ou seja, a língua possui diferenças internas classificadas em *diatópicas* (espaço geográfico), *diastrática* (camadas socioculturais) e *diafásica* (aspecto expressivo). Por exemplo, O conceito do parentesco timorense de *feto-sá-umane* é muito vulgar e profundo na sociedade timorense (incluindo outras regiões asiáticas e africanas, mas com diferentes designações), mais do que no ocidente. A expressão *feto-sá-umane* ou *feto-sau-umane*, é equivalente a expressão de *feto-oan – na’i-hun*, deriva destes quatro elementos vocabulares: *feto* (mulher); *sau* (ligar-se, aparentar, consagrar; “Uma” (casa), família; mane (homem).

As fronteiras sociolinguística que se encontram na Ásia, sobretudo na zona onde Timor está inserida, não são como a arraia de Espanha e Portugal que foi fixada pelo tratado de Alcanizes há 700 anos atrás, é simultaneamente declarado como uma fronteira cultural, linguísticas e política. No entanto, as fronteiras com que deparamos na Ásia do Sueste são, de um modo geral, fronteiras mais ou menos recentes, que escondem por detrás de si outras fracturas e outras linhas de união. Por exemplo, para além do que é hoje a Indonésia, há povos que têm a mesma língua, como é o caso da Malásia e de um naco da Tailândia, ou línguas da mesma família, uma vez que as línguas do grupo austronésico ou malaio-polinésico se estendem para

Ocidente até Madagascar, enquanto para oriente vão até ao Hawai e à ilha de Páscoa e para sul até à Nova Zelândia².

A descrição de evolução étnica e sociolinguística do povo timorense, desde os seus primórdios, permite-nos notar que existe o *hibridismo cultural* (Hall 2002; Traube 1986). Este hibridismo cultural faz parte do resultado de uma miscigenação racial e adicionada por diversas línguas nativas (Thomaz 2002; Gunn 1999 e 2001; Hull 1999 e 2001). É por isso que, designamos Timor como uma manta de retalhos etnolinguística, com importantes cisões políticas e sociais que pretende dar a mão ao projecto da construção do Estado-nação. Nesse sentido, podemos afirmar que “o mais importante símbolo nacional é sem dúvida a língua. As dúvidas acerca da língua oficial envolvem também importantes questões acerca da identidade nacional” (Hall 2002).

Naturalmente, a evolução linguística tem vindo a provocar o desaparecimento de algumas línguas do nosso planeta terra, absorvidas por outras de maior expressão ou reduzidas a minorias circunscritas. Desde meados do século XX até hoje, as principais línguas timorenses têm mantido uma percentagem de falantes semelhante ou manifestado uma tendência para a diminuição, como é o caso do *tokodede* e do *kemak*. Entre as línguas de Timor é o tétum que manifesta a maior tendência para crescer. Bem se sabe que é uma língua nacional – usada por cerca de 80% da população –

² A este propósito, veja-se: Ferro, João Pedro (1998), “Os Contactos Linguísticos e a Expansão da Língua Portuguesa”, in Marques, A. H. de Oliveira (coord), *História dos Portugueses no Extremo Oriente*, vol 1, tomo I, p. 357-363.

embora seja língua materna apenas de 23% da actual população.

Algumas opiniões divergem quanto ao agrupamento sociolinguístico de Timor-Leste. Os estudos desenvolvidos pela *Missão Antropológica de Timor* concluíram que existe pelo menos 31 grupos etnolinguísticos³. O mesmo argumento é partilhado também pelo investigador australiano Geoffry Gunn (1999). Para este autor, os padrões etnolinguísticos de Timor-Leste foram constituídos pela história de migrações e convergências de povos portadores de diferentes influências culturais, nomeadamente, de origem de uma cultura malaio-polinésia, vinda de sudoeste asiático, melanésia (vinda do Pacífico Sul) e a cultura cristã romana instruída pelos portugueses. Linguisticamente, a ilha de Timor é ocupada por duas famílias linguísticas distintas: austronésia e papua. Na parte ocidental de Timor encontra-se duas línguas de raiz austronésia, são de atoni e tétum. No Timor-Oriental encontra-se mais de catorze e mais línguas (Gunn 1999:43; Thomaz 2002). A esta heterogeneidade linguística de Timor, António de Almeida atribuía três elementos fundamentais na caracterização das múltiplas identidades linguísticas timorenses: “insularité, existence d’une orographie vigoureuse (...) et surtout les migrations humaines pacifiques ou nom” (Almeida 1975:311).

³ Estes 31 grupos etnolinguísticos são atribuídos a população da colónia portuguesa (do actual Estado Timor-Leste). Da ilha de Timor eram 28: Bâiquêno, Bécâis, Búnaque, Dâdua, Dagadá ou Fáta Luco, Galólen, Hábo, Idátè, ísni, Làcalei, Lólén, Lovaia-Epulo ou Macu’a, Macalère, Macassáe, Mambáe, Maráe, Midíqui, Nai Damo, Ná-Ine, Ná-Náhèque, Nauéti, Óssò-Mócò, Quémaque, Réssuque, Sá-âni, Tétum, Tócodéde e Uái Má’à. Os restantes 3 ocorriam na ilha de Ataúro: Raclu’Un, Rái-Ésso e Óco Midíqui (Almeida 1975:310).

A mesma ideia é partilhada também por seu amigo António A. Mendes Correia, justificando que “em Timor os grupos étnicos estão numa pulverização máxima e irregular, de que as diversidades linguísticas dão a medida” (Correia 1944:117).

A situação linguística existente em Timor-Leste antes de 1974-1975 apresentava três contextos: a utilização das línguas locais como forma de comunicação nas diferentes regiões; a utilização do tétum, enquanto língua veicular, ou seja, funcionando como meio de comunicação entre as diferentes regiões e o uso do português, enquanto língua administrativa, uma vez que era a única língua escrita ensinada nas escolas e nas catequeses. Como descreve Luís Costa: “as línguas de Timor correspondem às necessidades de comunicação quotidiana, descrevem uma visão particular de uma realidade e a forma como a comunidade que fala essa língua conceptualiza o mundo que a rodeia” (Costa 2005:614-615).

Em seu artigo *Língua e cultura na construção da identidade de Timor-Leste*, Geoffry Gunn examina a interacção correlativa entre a língua e uma noção ampla da cultura. Na sua abordagem, este investigador australiano parte-se com a incursão da tese de Samuel Huntington sobre o contexto civilizacional, acabando por concluir que nas afinidades identidade múltiplas de Timor com a região onde se insere, prevaleceram a “experiência e os contactos coloniais e as influências civilizadoras [europeias: português e holandês] que dividiram as duas metades da ilha” (Gunn 2001:17). A partir deste contacto que resultou a formação de comunidades crioulas (núcleo

católico falantes de um crioulo de Português e Malaio, que mais tarde considerada como portadora de uma “cultura híbrida que vai da cozinha ao vestuário, religião, transferências linguísticas e musicais” (Gunn 2001:17).

Quanto ao número de falantes, segundo dados da *Direcção Nacional de Estatística de Timor-Leste* considera que o tétum, o mambae, o kemak⁴, o tokodede, o bunak, o baiqueno, o aoni, o galole, o makassai e o fataluku, são línguas de maior relevância no território. Há que ter em conta também as línguas de menor relevância. A estas línguas regionais há que juntar mais três, que tiveram originariamente um papel diferente, mas hoje funcionam, como elas, apenas como instrumento de comunicação em espaços sociais restritos: por exemplo, o dialecto chinês *hakka*, falado pela minoria chinesa, composta essencialmente por comerciantes de retalho espalhados pelos pequenos centros comerciais do território; o Malaio, falado por uma comunidade muçulmana de quatro centenas de indivíduos enquistada nos arredores de Díli conhecido por Campo Mouro; e o hoje quase extinto dialecto crioulo conhecido por “português de Bidau”.

⁴ De acordo com Geoffrey Hull (1999 e 2002) que em termos de escrita e da fala, o dialecto da língua *Kemak* (Ema) na sua origem foi influenciado por línguas da população das ilhas Malucas do Sul.

PORTUGUÊS E TÉTUM COMO PILARES DA IDENTIDADE NACIONAL

Se qualquer língua pode ser adquirida, a sua aquisição exige grande parte da vida de uma pessoa: cada nova conquista luta contra dias cada vez mais curtos (Anderson 1983 [1991])

A língua é um factor de identidade e um dos instrumentos mais importantes da herança cultural de um povo. Fernando Pessoa chega mesmo a proclamar a identificação total entre “língua” e “pátria” na célebre asserção: “A minha pátria é a língua portuguesa”. Nesta estrofe, o poeta português assume a sua identidade pessoal enquanto um ser lusitano e reafirma-a firmemente de forma provocatória e controversa, dizendo “Triste de quem vive em casa, Contento com o seu lar”, e “triste de quem é feliz” (Pessoa 2010:111). É verdade que o poeta pretende mostrar a felicidade de sua Pátria Portugal porque este foi construído por um império de longo tempo com características espirituais e eternas aspirações lusitanas e cristãs, ou pretende mostrar que a felicidade torna o homem calmo e sem ter o sonho, sabendo que um ser “vive porque a vida dura” e nada mais espera porque “Nada na alma lhe diz”. O que é que Pessoa pretende ilustrar com estrofe, é tentar ajudar o homem a compreender a paragem da sua última viagem que nenhum ser escapará, isto é, embora vive triste e feliz no seu lar à espera da morte

finita: "Ter por vida a sepultura" (Pessoa, 2010, p.111).

"Se a alma que sente e faz conhece" porque ela é o fio condutor da memória do homem, sendo por isso, existe memória num ser sem esquecer o que aconteceu. O Viriato é real histórico para o povo Portugal, louvando-o como herói e defensor da identidade Lusitânia, da primeira nacionalidade portuguesa, "Assim se Portugal formou" (Pessoa, 2010, p.31). É uma nação que ainda o não era, mas cujas raízes ilustravam a futura identidade Lusitana, que neste caso refere-se a identidade Lusitana imaginada construída nas colónias. É como o caso de Timor, identificou-o como um Timor Lusitano ou um Timor Português, dependendo do contexto em que se manifesta tal expressão identitária.

Quando se escolhe uma língua para ser a língua oficial de um país, como o ilustram os casos de Timor-leste ou de Moçambique, em que a Língua Portuguesa foi adoptada como língua oficial, tal decisão constitui um verdadeiro acto instaurador de identidade como o reconhece o escritor moçambicano Mia Couto. No caso de Timor a adopção do "português" como língua oficial faz parte, juntamente com o "tétum" e outras línguas locais como elementos indispensáveis da *Identidade Nacional* de Timor-Leste.

A escolha de uma língua em função de um património nacional e de modo mais abrangente, na medida em que se considera como figura representativa. No entanto, a justificação da escolha de uma língua é fundamentada sempre pela expressão de qualquer ideia, de qualquer realidade: das mais antigas às mais modernas, das mais abstractas às mais concretas. Pretendo afirmar que a língua é

também um espelho da nação e eleva-la de forma tão grandiosa como as outras; deve confundir-se com a nação porque está enraizar-se nas profundezas históricas que possuem as marcas do povo. Dessa forma, a língua é um elemento de identidade nacional que passa a ser considerada como um factor indispensável do sentimento de pertença a um povo e intimamente ligada à figura do Estado-Nação. Pois é usada nas instituições como o exército, as instituições políticas democráticas ou o ensino público que sustentam uma cultura nacional e congregadora. Neste sentido, a língua "é um lugar de memória, de resistência e de afirmação cultural, [e congrega as] raízes simboliza da identidade nacional" (Stilwell 2000:185).

Se alguém venha a afirmar que o português é uma língua estrangeira ou colonizadora, por um lado, é verdade, mas por outro lado, uma língua que reflecte e preserva a cultura e identidade linguística timorense. Como se nota no primeiro instante antes da invasão australiana à Timor em 1942 ou a invasão indonésia em 1975, a língua portuguesa já estava enraizada na terra dos timorenses desde mais 400 anos. O que significa os bisavôs timorenses já falavam e entendiam o português antes de o capitão Cook ter pisado o solo australiano em meados do século XVIII; ou seja, antes os australianos terem a sua língua dita oficial; ou antes os jovens nacionalistas indonésios declararam a língua indonésia como língua oficial do seu país, em 1928; o português já havia sido assente em Timor-Leste.

Devido a este facto, é interessante registar o testemunho de François Etienne Rosely, comandante de um navio francês que em

1772 aportou a Timor. Na oportunidade visitou as localidades de Lifau e Díli e outras zonas costeiras. De tudo quanto observou, disse: “quase todos os chefes falam português e nos reinos vizinhos dos portugueses é a língua geral [...]. Conheci alguns muito sensatos, espirituais, engenhosos, sinceros e de boa fé, entre os quais um, muito versado na história da Europa”⁵ (Thomaz 1994:645). É curioso perceber que, 229 anos volvidos, testemunho idêntico é dado por um emérito linguista australiano que diz: “o maior legado civilizacional dos portugueses – e dominicanos – no arquipélago foi, sem dúvida, a criação de numerosas comunidades crioulas, especialmente nas Flores, Solor e em Timor. Como seria de esperar, estas comunidades são católicas, os nomes e apelidos foram aportuguesados e a língua portuguesa pode ter sido falada” (Gunn 2001:17).

Regina de Brito, no seu artigo “O português de Timor-Leste”, sustenta que “Indiscutivelmente, a administração colonial privilegiava o português como língua de instrução, ensinada nas escolas (e, naturalmente, veiculando conteúdos da cultura lusa), que se empregava na modalidade escrita e nas diversas actividades culturais e administrativas”⁶. Contudo, na época da colonização portuguesa, a

⁵ Tal experiência tendo em conta também no curioso testemunho da escocesa Anna Forbes, que visitou a Timor em 1882: “É estranho não se ouvir malaio em Timor, já que o malaio se fala em todo o arquipélago civilizado. Mas aqui, os nativos têm de aprender a língua dos seus senhores (portugueses) se querem ter algum contacto com eles (...). Os nossos criados de Amboína, que estiveram connosco em Timor-laut [=Yamdena], dizem que terão gosto em ir connosco a qualquer parte do arquipélago menos a Timor, porque ali ninguém fala a língua deles, além de que os nativos são muito diferentes...” (Hull 2002b).

⁶ Regina Helena Pires de Brito, O português de Timor-Leste, o texto está disponível em <http://www.fflch.usp.br/eventos/simelp/new/pdf/mes/03.pdf> (consulta a 23/11/2010).

instrução entre os timorenses não foi bem abordada pedagogicamente; por outras palavras, os factores que impediram o processo de instrução foram o deficiente regime escolar, os programas inadequados e os objectivos indefinidos; e ainda porque a maior parte das escolas funcionava em regime de semi-internatos e a distância de casa à escola era bastante grande.

Antes da invasão indonésia, a língua *tétum*, era a mais usada na comunicação quotidiana, sendo a portuguesa uma língua de menor circulação, não obstante o seu ensino ser oficial. Após a invasão do território pela Indonésia (que trouxe consigo a interdição da língua portuguesa) o *tétum* reforçou a sua condição de língua dominante, já que era falada em todo o território. A interdição do uso do português nas celebrações religiosas, beneficiou o estatuto da língua *tétum-praça*, uma vez que a igreja timorense se viu na necessidade de traduzir, para a língua autóctone, vários “textos sagrados”, contribuindo desse modo para a valorização do *tétum*.

Parecendo paradoxal, a escolha da língua portuguesa como língua oficial de Timor-Leste, em vez de desvalorizar o *tétum*, veio dar um contributo para o seu desenvolvimento. Vale a pena lembrar que há uma relação secular entre uma e outra língua e que no *tétum* existe uma grande quantidade de termos de raiz portuguesa. E é justamente essa característica que confere ao *tétum* uma identidade

única que a torna distinta das outras línguas dos países asiáticos e do Pacífico Sul.

No Congresso do CNRT, realizado em Díli em 2000, o linguista australiano Geoffrey Hull veio reforçar a ideia atrás exposta, aconselhando os timorenses a escolherem o Português como a sua língua oficial em vez do inglês, porque para ele, o Tétum para sobreviver precisa do Português, pois estas duas línguas coexistiram num relacionamento mutuamente benefício, sendo por isso, o português é o suporte natural do tétum no seu desenvolvimento continuado. Aponta ainda o autor que o Instituto Nacional de Linguística da Universidade Nacional de Timor-Leste: "(...) reconhece o tétum-praça (o dialéctico tétum de Díli) agora considerado segunda língua em todo Timor-Leste) como a base da língua literária nacional, hoje em dia apelado tétum nacional" Hull & Eccles (2005, p.16).

Desta forma destacaremos agora apenas alguns exemplos de expressões portuguesas que suportam o tétum:

Falar Português	Falar Tétum
Não podes ir à escola amanhã porque a tua condição não está bem.	Aban lalika ba <u>eskola</u> tamba ó nia <i>kondisaun</i> la'dun diak
A: Irmã! Qual é vestido que podemos vestir amanhã? B: Com certeza A: Hei ouvem! Irmã Superiora disse que amanhã podemos vestir <i>com certeza</i> .	A: Madre! aban ami hotu tau <i>bistido</i> sá? B: <i>kon serteja</i> A: Hei rona mai! Madre boot dehan aban ita hotu tau <i>kon serteja</i> .
Éramos amigos	<i>Amigos</i> hori uluk kedan

As quatro produções (1-3) que correspondem à fala de um timorense, com um certo grau de escolaridade, retratam realizações linguísticas que formam a regra geral da composição da frase que se podem encontrar em Timor-Leste. Uma análise dos enunciados do quadro anterior permite-nos constatar que no caso da frase exemplificada em 1, nota-se que o falante reportou literalmente o adjectivo complemento da expressão portuguesa "*condição*" para o tétum "*kondisaun*", o que altera é a letra "C" para a letra "K" e o sufixo "são" para o "*saun*". Isto é, na sua categoria de género, em concordância com a manutenção do sentido a que se refere a situação em questão não se altera radicalmente. Em frase 2 na fórmula A, o predicado "*vestido*" e o substantivo do verbo complemento ("*podemos vestir*") não são flexionados de modo a concordar com o determinante a que se refere na fórmula B ("*com certeza*"), e do mesmo modo, a determinada divulgação de informação a que se constata na fórmula C ("*podemos vestir com certeza*") também não corresponde a referida questão expressada na respectiva fórmula A e B. Apesar de linguisticamente, uma expressão errada suportada pela comunicação oral, não implica a compreensão do locutor sobre o determinado objecto que tinha constatado na sua interacção. Em frase 3, não se procedeu à flexão do adjectivo "amigo" de forma a concordar com a forma verbal a que se refere (éramos), pois, de facto é uma expressão adjectiva que forma o sentimento pessoal na condução do "eu" a reconhecer do "outro eu".

O português faz parte da história e do povo timorense⁷ e é um elemento essencial da sua identidade nacional, sendo que “o facto de ter sobrevivido à perseguição que lhe foi movida, prova que é parte da cultura nacional” (Mendes 2005:324). Destaca também Geoffrey Gunn (2001) que a execução da herança portuguesa pelos timorenses é para contrapor a cultura indonésia e respectivas influências na formação das gerações novas. No mesmo sentido, importa afirmar que apesar da brutalidade e da repressão cultural incrementada pela colonização indonésia, a língua e cultura portuguesa que chegaram à região de Timor-Leste há cerca de 500 anos, continua persiste teimosamente.

O Português foi a língua utilizada pela Resistência durante a luta pela independência e a sua utilização marcou uma diferença cultural face à Indonésia, sobretudo “rede comunicativa de maior valor simbólico” (Carvalho, 2001:70). Entretanto, por imposições política, a língua indonésia passou ser declarado como língua oficial em Timor-Leste e o tétum tornou-se como língua oficial, dita litúrgica da Igreja Católica. Etnicamente parecidos com os indonésios, do outro lado da ilha, que também falam Tétum tendo em conta ainda que a Indonésia

⁷ A esta trajetória histórica e cultural, Xanana Gusmão era presidente da RDTL, participou no IV Conferência de Chefes de Estados e de Governo da CPLP, realizada em Brasília – Brasil de 1 de Agosto de 2002 e defendia que: a escolha do português é “a opção política de Natureza estratégica que Timor-Leste concretizou com a consagração constitucional do Português como língua oficial a para com a língua nacional, o Tétum, reflecte a afirmação da nossa identidade pela diferença que se impôs ao mundo e, em particular, na nossa região onde, deve-se dizer, existem também similares e vínculos de carácter étnico e cultural, com os vizinhos mais próximos. Manter esta identidade é vital para consolidar a soberania nacional”.

se pauta pela “unidade na diversidade”, aos timorenses afigurava-se-lhes importante cultivar a desigualdade.

Num Timor-Leste pluri-linguístico, temos fundamentalmente, o Português e o Tétum com as suas vantagens e desvantagens. A vantagem do Tétum é ser falado recentemente pela maioria da população timorense. Basta só ver a sua oficialização pela hierarquia da Igreja Católica de Timor contrapondo-o ao “bahasa indonésio”. Daí começar a escrevê-lo por questões morais [doutrinárias] e litúrgicas. A Língua Portuguesa tem todas as vantagens como meio de comunicação oral e o seu uso como língua escrita tem rigor científico, por outras palavras, o papel fundamental da língua portuguesa na civilização timorense é completamente inquestionável (Hull (2002a:39), porque desempenha um papel fulcral na manutenção das línguas locais, transformando-as de forma gradualmente como génese da cultura nacional de Timor-Leste.

Tal vantagem é vista por Geoffrey Hull (2001) como preservadora da variedade da identidade linguística da Nação de Timor-Leste, porque para ele o português não constitui uma ameaça para a ordem linguística tradicional. Nota-se isso na experiência de países que adoptaram o português como língua oficial: conseguiram manter as suas línguas locais. De facto, na ordem histórico-cultural, a língua portuguesa tem-se mostrado mais capaz de se harmonizar com as línguas indígenas do que o inglês. No âmbito internacional, ela é um idioma de importante relevo no mundo globalizado e mais falada do que outras línguas do mundo (russo, japonês, alemão, francês ou

javanês) com mais de 180 milhões de falantes na Europa (Portugal e Galiza), África (dos PALOP), Brasil e Timor-Leste, incluindo três pequenas áreas da Ásia (Goa, Malaca e Macau).

O problema de consolidação e de manutenção do português como língua de cultura e de língua oficial de Timor-Leste dependerá muito da política educacional, da mobilização dos vários sectores da sociedade timorense, da disposição da comunidade e do apoio dos países lusófonos (Brito & Martins 2004:77). Pois, em certos modos, a questão das línguas nacionais, como então designada, em posição de representação que emerge a afirmação de identidade nacional, viva, nos versos de Luís de Camões que trouxeram Timor ao conhecimento do mundo: *Alí também Timor que lenho manda; Sândalo salutífero e cheiroso*.

O relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD de 2002, sustentou que “o Inquérito às Famílias de 2001 mostrava que 82% da população falava tétum⁸, ao passo que 43% conseguia falar indonésio. Apenas uma pequena proporção, principalmente pessoas mais velhas e a comunidade dos que estiveram exilados, falava português, enquanto uma proporção ainda menor falava inglês (2%) (PNUD 2002:37-38). De acordo com os dados de recenseamento de 2004, 13,6% da população fala português, mas a percentagem cresceu um pouco, porque o português tem sido ensinado à geração mais nova e a adultos interessados, extraídos do *1º Congresso da Educação* realizado em

Díli, de 29 a 31 de Outubro de 2003, indicavam que os indivíduos com domínio efectivo, oral/escrito do Português não ultrapassariam os 7 – 8%”, oscilando para os 11%, de acordo com documento de UNTAET (Carvalho 2001:70).

No *2º Congresso Nacional de Educação*, realizado em Dezembro de 2008 na capital de Timor-Leste, o ex-primeiro-ministro timorense, Alkatiri, salientou que cresceu cada vez maior de jovens timorenses começa a falar e a escrever português. Estamos a assistir a um processo de reapropriação cultural, talvez melhor, de ressurreição cultural e linguística, reafirmando aquilo que é nosso em detrimento daquilo que nos é imposto (Notícia Lusa, 10/12/2008). O que nos parece um discurso esperançoso ao aumento do número falante português no cheio da população juvenil, que segundo dados de recenseamento de 2006 afirma que 37% da população fala português.

REFLEXÃO FINAL

Neste trabalho, objectivou-nos na abordagem das relações entre a língua e a cultura, particularmente o que diz respeito a cultura e múltiplas identidades linguísticas em Timor-Leste.

Percebemos que a relação entre língua e cultura está profundamente enraizada na vida social de uma sociedade. A língua é utilizada para transmitir a cultura e os laços culturais de um povo.

⁸ O tétum é a língua materna de cerca de 16% da população (Relatório do Banco Mundial de Dezembro de 2003).

As ideias de um indivíduo estão diferentemente derivadas no uso da linguagem dentro de sua cultura e todo o entrelaçamento destas relações começam com seu nascimento.

A composição multiétnica de Timor-Leste é uma realidade largamente comprovada pela coexistência de 31 grupos étnico-linguísticos, entre os quais se foram sedimentando, ao longo dos tempos, os traços de uma cultura comum que o uso da língua *tétum* se encarregou de difundir.

Vimos que a língua portuguesa (língua oficial) é um património cultural que os timorenses guardam ciosamente. Atente-se, muito especialmente, no facto de ela desempenhar a função de suporte natural da língua *tétum* (língua nacional) uma vez que esta necessita da língua portuguesa para se desenvolver. De um ponto de vista afectivo, lembremos que o português foi a língua da resistência e o veículo da comunicação clandestina nos períodos conturbados da guerra pela libertação. Por tudo isso ela merece ocupar, juntamente com a língua *tétum*, um importante lugar na afirmação cultural do povo de Timor-Leste.

Entendemos que no contexto sócio-aprendizagem, o ensino da língua portuguesa aos jovens timorenses ainda é visto como uma língua segunda; no entanto, os indícios de aprendizagem mostram que apesar de o número de contacto dos aprendentes é crescer cada vez mais, sendo assim, mantém-se a sua posição como língua estrangeira. Isso não justifica que a posição da Língua Portuguesa como língua oficial esteja em causa, o que é mais importante é haver um maior número de timorenses falantes do português, dando assim

a possibilidade de a Língua Portuguesa poder chegar rapidamente a todos os timorenses no interior do país e em condições de ser útil para o cidadão de uma nação de língua oficial portuguesa e da comunidade de países da mesma língua.

A realidade hoje nos admite que no seio de todas as línguas de expressão global, como o inglês, o espanhol, português ou o francês, são reforçadas pelo processo de mestiçagem, ou criouliização, a que todos os idiomas estão sujeitos, em todas a parte. É por isso que, surge as variedades dialectais da mesma língua, no caso do inglês, por exemplo, inglês da Austrália, inglês da América; ou no caso da língua portuguesa é do português Brasil. No entanto, nós somos mestiços e crioulos na cultura e na língua. A esse propósito, Adriano Moreira invocou a delicada expressão de Eduardo Lourenço sobre a língua portuguesa, a qual justifica "A língua também é nossa", cuja afirmação identitária de ser "português e lusitano", ao mesmo tempo, afirmou Moreira: "o português não é nosso, mas já é nosso". Isto justifica que a língua portuguesa não é dos portugueses, mas sim, dos países da língua oficial portuguesa⁹. Assim, que lusofonia funciona e tem sua relevância.

Num mundo globalizado, a reflexão sobre a política das línguas no contexto mundial contemporâneo é muito importante. Isto é, fazer ligar à temática desenvolvida em torno da relação entre a linguagem

⁹ Tal afirmação foi declarada na conferência internacional "Cultura e Identidade Nacional entre o Discurso e Prático" que teve ocorrido no dia 16 a 17 de Maio de 2009 na FCSH-UNL, cuja promovida pelo CEPESE da Universidade do Porto

humana – seus sistemas, seus usos e seus produtos – e os processos de globalização económica, social e cultural que definem o mundo contemporâneo. Inglês é uma língua de globalização, mas deve considerar também à situação de outras línguas europeias como o português que faz parte de uma língua internacional falada por mais de 180 milhões falantes nos cinco continentes. O uso de línguas – como o inglês e o português – em zonas de contacto multilingue e multicultural é bem perceptível nos olhos dos observadores e até dos próprios falantes dessas línguas. O inglês é uma poderosa língua que não se preocupa com a sobrevivência de outras línguas no mundo; ao passo que o português é uma língua que sustenta a preservação e manutenção das línguas de outros povos que o adoptam como sua língua oficial, é como no caso da CPLP.

BIBLIOGRAFIAS

Almeida, António de (1975 [1994]), “*La tache pigmentaire congénitale chez des nouveaux nés du Timor portugais*”, in António de Almeida, *O oriente de Expressão Portuguesa*, Lisboa: Fundação Oriente, p. 303-318.

Anderson, Benedick (1983 [1991]), *Imagined communities. Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*, New York: Verso.

Brito, Regina. H. P & Martins, Moisés Lemos (2004), “*Moçambique e Timor-Leste: onde também se fala o português*”, in Actas do 3º Congresso Português da SOPCOM – do IV LUSOCOM e II IBÈRICO, volume III, Covilhã: Universidade da Beira Interior, 22 a 24 de Abril.

Bennett, Milton J. (1998), “*Intercultural communication: A current perspective*”, in Milton J. Bennett (ed), *Basic concepts of intercultural communication: Selected readings*. Yarmouth, ME: Intercultural Press.

Correia, António Augusto Mendes (1944), *Timor Português contribuições para o seu estudo antropológico*, Lisboa: Imprensa Nacional.

Costa, Luís (2001), “*O tétum, factor de identidade nacional*”, in Revista de Letras e Cultura Lusófonas, nº 14 (p.59-64), Lisboa: Instituto Camões.

Costa, Luís (2005), “*Línguas de Timor*”, in Dicionário Temático da Lusofonia, Lisboa: Texto editorial.

Carvalho, Maria Albarran de (2001), “*Panorama linguístico de Timor: identidade regional, nacional e pessoal*”, in Revista de Letras e Cultura Lusófonas, nº 14 (p.67-79), Lisboa: Instituto Camões.

Crespi, F (1997), *Manual de sociologia da cultura*, Lisboa: Estampa.

Rodrigues, Adriano Duarte (1996), *Dimensões pragmáticas do sentido*, Lisboa: Edições Cosmos.

Rodrigues, Adriano Duarte (1999), *As técnicas da comunicação e da informação*, Lisboa: Editorial Presença.

Ferro, João Pedro (1998), “*Os contactos linguísticos e a expansão da língua portuguesa*”, in Marques, A. H. de Oliveira (coord), *História dos portugueses no extremo oriente*, vol 1, tomo I, p. 357-363.

Fonseca, Fernanda Irene (1994), *Gramática e pragmática – estudos de linguística geral e de linguística aplicada ao ensino português*, Porto: Porto Editora.

- Gunn, Geoffrey (1999), *Timor Lorosae 500 anos*, Lisboa: Livros do Oriente
- Gunn, Geoffrey (2001), "Língua e cultura na construção da identidade de Timor-Leste", in *Revista de Letras e Cultura Lusófonas*, nº 14 (p.16-25), Lisboa: Instituto Camões.
- Goffman, Erving (1980), *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*, Brasil: Zahar Editores.
- Goffman, Erving (1993), *A apresentação do eu na vida de todos os dias*, Lisboa, Relógio D'Água.
- Habermas, Jürgen (1987), *Théorie de l'agir communicationnel*, vol. 2, Paris : Fayard.
- Hull, Geoffrey (1999), "The languages of East Timor: 1772-1997: A Literature Review", in *Studies in Languages and Cultures of East Timor*, Sydney: University of Western Sydney Macarthur.
- Hull, Geoffrey (2001), "Língua, identidade e resistência", in *Revista de Letras e Cultura Lusófonas*, nº 14, (p.14-25), Lisboa: Instituto Camões.
- Hull, Geoffrey (2002), *Identidade, língua e política educacional*, Díli: Instituto Camões.
- Hull, Geoffrey (2002a), *The languages of East Timor some basic facts*, Díli: INL-UNTL
- Hull, Geoffrey (2002b), "Língua portuguesa: o último capítulo da Reconquista", in *Revista Janus – Anuário de Relações Internacionais*, Lisboa: Universidade Autónoma de Lisboa.
- Hull, Geoffrey & Eccles, L (2005), *Gramática da língua tétum*, Lisboa: Editora LIDEL.
- Hall, Stuart (2002), *A identidade cultural na pós-modernidade*, Rio de Janeiro: DP&A.
- Kerbrat-Orecchioni, Catherine (1990), *Les interactions verbales*, Paris: A. Colin.
- Leach, Edmund (1964), "Animal categorial and verbal abuse", in E. H. Lenneberg, *New Directions in the Study of Language*, Cambridge: MIT Press.
- Mendes, Nuno Canas (2005), *A multidimensionalidade da construção identitária em Timor-Leste*. Lisboa: ISCSP-UTL.
- Pessoa, Fernando (2010), *Mensagem*, Lisboa: Centro Atlântico
- Relatório do Desenvolvimento Humanos de Timor-Leste 2002, *Ukun Rasin A'na: o caminho à nossa frente*, publicado por Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD, Díli: UN Agency House. http://pascal.iseq.utl.pt/~cesa/rdhtl_final.pdfm (consulta a 11/12/2010).
- Stilwell, Peter (2000), "Timor: pensar a questão da língua", in AAVV – *Timor: um país para século XXI*, Lisboa: Edições Atena.
- Stewart, E. C & Bennett, M. J (1991), *American cultural patterns: A Cross-Cultural Perspective*, Yarmouth, USA: Intercultural Press.
- Thomaz, Luís Filipe (1994), *De ceuta a Timor*, Lisboa: Edição Difel.
- Thomaz, Luís Filipe (2002), *Babel Lorosae: o problema linguístico de Timor-leste*, Lisboa: Cadernos Camões.
- Thompson, J.B (1998), *Ideologia e cultura moderna: Teoria social e crítica na era dos meios de comunicação de massa*, Rio Janeiro: Vozes.